

Brasília-DF

DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Caso à parte

Menos de 24 horas depois do encontro do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), com o Supremo Tribunal Federal, Luiz Fux, para tentar estabelecer a paz entre os Poderes e servir de ponte entre o Executivo e o Judiciário, a multa de R\$ 405 mil que o ministro Alexandre de Moraes impôs a Daniel Silveira reaviva a exaltação dos ânimos. No Planalto, a reação à multa foi de palavrões e xingamentos. Moraes, porém, quer que o caso Daniel Silveira sirva de exemplo para mostrar que decisões judiciais precisam ser cumpridas.

Falem bem, falem mal...

... Mas falem de mim. Lula tem conseguido dominar a pauta da pré-campanha. Só tem um probleminha: em alguns casos, esse controle corre o risco de tirar mais votos do que agregar. O PT quer que ele concentre as falas em dois temas: economia (inflação) e ameaças à democracia. Fora isso, até aqui só deu confusão.

E a terceira via, hein?

Aos poucos, as candidaturas vão perdendo força. As apostas, hoje, indicam que restarão João Doria, pelo PSDB, e Ciro Gomes, pelo PDT. Simone Tebet está com dificuldades de segurar o MDB.

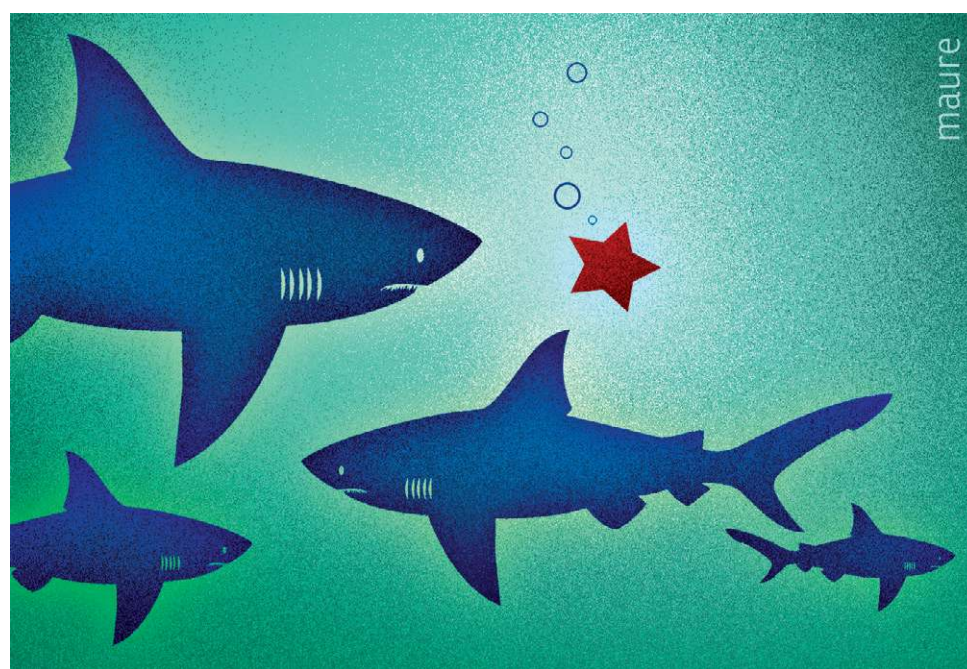
Enquanto isso, no PSD...

Gilberto Kassab não terá dificuldades em levar o partido a apoiar Lula, ainda que seja no segundo turno. A leitura de muitos por ali é de que alguns estados que querem o partido livre de coligação para presidente da República, se não houver uma candidatura própria, não descartam fechar com o petista — como deve acontecer no Rio e em São Paulo.

Lula contrata crise com o parlamento

Ao rechaçar a discussão do semi-presidencialismo, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) marca desde já um embate com os congressistas no ano que vem, caso seja eleito. O mundo mudou, a Câmara dos Deputados mudou. Hoje, graças às emendas impositivas — ou seja, de liberação obrigatória pelo governo —, tem muito mais independência do que 19 anos atrás, quando Lula foi eleito presidente pela primeira vez. Nos bastidores do Congresso, há quem diga que se Lula quer apoio, não vale começar apontando o que os parlamentares devem fazer ou debater.

Quem entende do andar da carruagem afirma que, antes de conversar sobre os temas em debate no Parlamento, há uma eleição no meio e que, passado o período eleitoral, será preciso um pacto sobre o Orçamento, condição preliminar para definir a agenda política do futuro. Ou seja, não dá para brigar com o presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), desde já. Se o governo não retomar o controle de, pelo menos, parte dos investimentos, o Poder Executivo não terá capacidade de impor a sua pauta. Especialmente se vencer com um país dividido.



CURTIDAS

Zeca Ribeiro/Câmara dos Deputados



Paz relativa/ Ministros do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) que já acompanharam reuniões entre Alexandre de Moraes e o PT, com a presença do ex-ministro da Justiça Eugênio Aragão (foto), juram que os embates entre os dois ficaram no passado. O tempo dirá.

O corpo fala/ O semblante de Geraldo Alckmin, quando Lula defendeu os sindicatos ao receber o apoio do Solidariedade, foi lido por alguns dos presentes como de suma contrariedade. A impressão é a de que nem tudo são flores na aliança. Por enquanto, só impressão.

Encontro de gigantes I/ Os ministros aposentados do STF Marco Aurélio Mello e Nelson Jobim confirmaram presença como palestrantes no IV Encontro Nacional de Lideranças Empresariais, em 2 de agosto, no estádio Mané Garrincha.

Encontro de gigantes II/ O evento ocorre na largada da campanha eleitoral e reunirá 600 representantes dos principais setores da economia brasileira — indústria, bancos, fundos de pensão, inovação, ciência e tecnologia. Momento propício para discutir o Brasil.

ELEIÇÕES

Ação contra o derretimento

Encontros de caciques do MDB e do PSDB, hoje, podem definir o futuro das candidaturas de Simone Tebet e de João Doria

» VINÍCIUS DORIA

As duas principais pré-candidaturas do autodenominado “centro democrático” passarão por avaliações internas, hoje, em relação à viabilidade eleitoral da empreitada. Mas a possibilidade de formação de uma chapa unificada está cada vez mais distante.

No MDB, a Comissão Executiva do partido analisará os resultados de uma pesquisa qualitativa sobre a performance da senadora Simone Tebet (MS). No PSDB, João Doria (SP) está de volta a Brasília para reunir, em um jantar, a bancada tucana no Congresso, na busca de apoio para levar sua pré-candidatura até a convenção da legenda, no fim de julho.

No MDB, o debate se dá em torno da necessidade de se ter uma candidatura própria à Presidência. Na ala que apoia o pré-candidato do PT, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva — concentrada no Nordeste —, a presença é para que o partido não lance candidatos. O problema é que, nesse caso, há o risco de uma bandada dos diretórios dos estados do Centro-Sul para os palanques estaduais do presidente Jair Bolsonaro (PL).

Por isso, a cúpula do partido, capitaneada pelo presidente Baleia Rossi (SP), segue em apoio a Tebet, considerada uma candidata capaz de barrar a adesão ao bolsonarismo. Mas poucos acreditam na viabilidade de construção de uma chapa unificada que represente a terceira via, capaz de romper a polarização atual entre Lula e o presidente.

“O MDB sempre quis ter um candidato próprio competitivo, fortalece os palanques estaduais. Mas ter um candidato com 1% ou 2% dos votos enfraquece esses palanques regionais”, disse o senador Renan Calheiros (AL), um dos mais ativos defensores do apoio a Lula dentro do partido. Hoje, ele terá um encontro com o ex-presidente Michel Temer para tratar do assunto.

“Pragmaticamente, aumenta a possibilidade de não termos candidato nem apoio oficial”, acrescentou.

Na reunião, a Comissão Executiva analisará uma pesquisa qualitativa encomendada pelo MDB sobre o potencial eleitoral de Tebet. Pelo que o **Correio** apurou, a pesquisa reforçará a capacidade da senadora de encabeçar uma chapa à Presidência, seja com outros partidos de centro ou

Leopoldo Silva/Agência Senado



Tebet é vista por setores do partido como uma barreira forte contra a adesão do MDB a Bolsonaro

apenas com apoio da legenda. A baixa rejeição é apontada como um trunfo. “Houve uma impressão errada de que Lula era o preferido do MDB”, disse uma fonte do partido no

Congresso. “Simone é fundamental. Nem ela nem Baleia (Rossi, presidente da legenda) querem ver o partido embarcando nos palanques de Bolsonaro. Não dá”, observou.

Ofensiva

Enquanto patinam as negociações em torno de uma chapa dos partidos de centro, o pré-candidato tucano acelera

as conversas para se viabilizar na disputa. Hoje, ele participa de um jantar, em Brasília, com a bancada de parlamentares do PSDB, organizado pelo líder na Câmara, Adolfo Viana (BA) — até então um dos principais incentivadores da candidatura do ex-governador do Rio Grande do Sul Eduardo Leite e, agora, visto como um potencial aliado. Por enquanto, Doria não conta com nenhum apoio formal entre os deputados da legenda.

O ex-governador de São Paulo acredita que a propaganda partidária do PSDB no rádio e na tevê, a ofensiva nas redes sociais e as viagens pelo país vão dar a ele os pontinhos que precisa nas pesquisas para convencer o partido a apoiá-lo. No jantar, Doria espera acordar uma trégua do chamado fogo amigo, que não tem economizado nas críticas a ele. Com o cacife da vitória nas prévias tucanas, não dá sinais de que possa desistir da disputa.

O pré-candidato não acredita mais em composição da terceira via, mas assegura que aguardará a decisão do PSDB em relação às negociações do centro democrático.

ACM Neto não crê em consenso dos partidos até o dia 18

O secretário-geral do União Brasil, ACM Neto (BA) — pré-candidato do partido ao governo da Bahia —, avalia que os partidos da terceira via não conseguirão definir o dia 18 de maio qual nome representará o campo nas eleições deste ano. A data foi fixada pelas legendas da aliança como prazo final para apresentação

da candidatura única, embora o presidente do União, deputado Luciano Bivar (PE), já tenha colocado um dos pés fora da possível coligação.

Para ACM, divergências internas nas siglas e os interesse estaduais dificultam o cumprimento de tirar um nome de consenso. “A gente vê que alguns desses

partidos da chamada terceira via têm divisões internas. Não houve definição de um critério para escolha de um candidato comum. Eu, particularmente, não acho que seja fácil chegar ao dia 18 de maio com uma candidatura comum”, avaliou.

Segundo ACM Neto, “não sei nem se isso é bom porque, talvez,

18 de maio seja cedo para definir qual desses nomes é o mais forte, o mais competitivo, que tem melhores chances para disputar a eleição presidencial”. O pré-candidato considera, também, que é necessário mais tempo para amadurecer as discussões — embora já apresentem alto grau de exaustão.

MDB, PSDB e Cidadania discutem o lançamento da candidatura única à Presidência. O União Brasil também faz parte do grupo, mas avalia desembarcar da aliança e lançar Luciano Bivar fora da terceira via. Seria, também, uma forma de não atrelar a legenda à campanha do presidente Jair Bolsonaro (PL) já

em 2 de outubro sem avaliar as possibilidades que podem surgir no segundo turno — inclusive nos estados.

“Bivar tem apoio total do União Brasil. A candidatura dele tem adesão dentro do partido, tem apoio de todas as correntes partidárias”, garantiu ACM Neto.